

CORPOS EM TRANSE: SUBJETIVAÇÕES DELIRANTES DAS MASCULINIDADES DOCENTES

Rogério Machado Rosa

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Resumo: Essa escritura se configura como um desdobramento da na minha pesquisa de mestrado, que investigou o modo como professores de Ensino Médio que experienciam a “insubmissão à masculinidade hegemônica” e constroem seus corpos e suas masculinidades na relação com a atividade docente. Analiso excertos das narrativas dos professores, obtidas por meio de entrevistas, e discutir o complexo imbricamento entre as relações afetivas da/na docência, o corpo docente e suas masculinidades e a artistagem de si. Para tal análise, dialogo principalmente, com autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Nietzsche. O corpo desses professores aqui é compreendido como plano de inscrição e veículo das forças afctivas e vibratórias que por ele passam e que os coloca em movimento de desterritorializações e reterritorialização: forças-fluxos que vibram corporalmente e possibilitam outras subjetivações, bem como engendram variações em suas performatividades de gênero.

Palavras-Chave: Corpo. Docência. Masculinidades. Subjetivação.

Introdução

Este texto corresponde a uma passagem da minha dissertação de mestrado onde inseri na arena o debate sobre a criação do *corpo-masculino-docente*. Procurei compreender como professores — que do ponto de vista da masculinidade hegemônica não estão integrados — constroem e experienciam *corpos-masculinos-menores*¹ na relação com o exercício da docência no Ensino Médio.

¹ Deleuze e Guatarri, na obra “Kafka - por uma literatura menor”, desenvolvem o conceito de “literatura menor” como dispositivo para analisar a obra de Kafka. Os textos de Kafka são considerados subversivos e revolucionários porque representam uma atitude de resistência à própria língua alemã. São uma espécie de literatura menor, afirma Deleuze. Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a dela, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a servir? Problema dos imigrantes, e ressaltam Deleuze e Guatarri (1997), “é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua maior” (p. 25). Na perspectiva de Kafka, judeu tcheco que escreveu em alemão por causa da ocupação alemã na região, uma literatura menor desagrega a própria língua, pois corrói o seu interior sendo veículo de desagregação dela própria. A partir dessas ideias, Deleuze e Guatarri apresentam três características básicas de uma literatura menor: desterritorialização da língua, pois desloca a língua de seu território “natural”; ramificação política,

Aqui, especificamente, darei ênfase reflexiva a excertos das narrativas docentes, obtidas sob forma de entrevista, que aludem à acontecimentos biográficos narrados por professores e que por eles são associados ao processo de criação dos seus corpos e de suas masculinidades, ambos marginais, na perspectiva do Corpo sem Órgãos (CSO) de Deleuze e Guattari.

Para a abordagem da categoria “corpo”, me apoio em dois autores que, Gilles Deleuze e Félix Guattari, que em parceria construíram o conceito de “*Corpo sem Órgãos*”. Em “*O Anti-édipo*”, Deleuze e Guattari, inspirados no dramaturgo e diretor de teatro Antonin Artaud, criam o conceito de Corpo sem Órgãos. Opondo-se à ditadura do corpo organizado em órgãos, alvo dos mitos, disciplinamentos e essencializações biológicas, o Corpo sem Órgãos instaura-se e opera em espaços intervalares. É feito de devires os quais nunca se alcançam e que, por isso, é um corpo por vir. É exatamente essa característica do CsO, a fugacidade, que o torna resistente às instâncias disciplinadoras que desejam confinar o corpo num aparato meramente biológico.

As máquinas desejanter (estado, família, igreja, escola, etc.), movidas pela lógica da falta, pretendem nomear e estabilizar o corpo. Buscam sua conformidade e produzem organismos que fazem o corpo padecer. O que Deleuze e Guattari (2004) nomearam de *corpo sem órgãos (CSO)* é exatamente o oposto a isso: amorfo, indiferenciado, sem organização, inconsumível. É um corpo sem imagem, mas isso não significa que o corpo sem órgãos é o nada, pelo contrário, ele é pleno de intensidades. O CSO repudia as máquinas desejanter, mas também as atrai e apropria-se das mesmas:

O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu lugar próprio, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica, nem totaliza. E quando se aplica, se rebate sobre elas, induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre sua própria superfície, onde os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre re-cortados pelos cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se descobre” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 46).

porque desafia o sistema estabelecido; valor coletivo, uma vez que fala do coletivo e para o coletivo e não por si mesma. Em sua voz ecoam as inquietações de uma comunidade minoritária. Assim, a ideia de *corpo-masculino-menor*, advém desses pressupostos.

Trata-se de um corpo inapreensível que resiste ao poder e inaugura-se outro. Foge, escapa e, portanto, nunca é totalmente domesticado, pois está sempre além de si mesmo e das possibilidades de ser controlado e capturado. E sobre os tipos de masculinidades que se materializam nos corpos e dão movimentos e formas aos corpos dos professores participantes desta pesquisa, que tipo de elucidação e de aproximação é possível ser feita a partir do estabelecimento de um diálogo com Deleuze e Guattari?

Como ponto de partida para a análise das narrativas docentes, tomo a questão de Deleuze, que para ele era também a questão de Espinosa, qual seja, “O que é possível ao corpo?”. A pergunta é provocativa. Remete-nos à ideia de corpo como potência, que tem poder de ação sobre o mundo e sobre si próprio. Também nos permite supô-lo em seus limites, fragilidades e (im) possibilidades

Com efeito, a materialidade do corpo também é marcada por divisores étnicos, de classe social, de gênero e sexualidade, por exemplo. São processos indissociáveis e simultâneos que conferem ao corpo um caráter plástico, móvel e plural. Percebemos que são múltiplas suas formas de expressão e modos de organização e que sua materialidade está intimamente associada às suas maneiras de inserção no mundo. Isso se evidencia na fala do professor Híbrido (comunicação pessoal, 12 de junho de 2009) ao remeter-se ao lugar ocupado pelo corpo no ofício docente:

Então, eu acho que ser professor, de alguma forma, é ser pretensioso. É gostar de ter seu corpo em evidência. Eu acho que, quem não consegue lidar bem com o próprio corpo, não consegue ser um bom professor, porque eu acho que essa evidência que o professor tem; essa coisa do não anonimato exige de nós um bom nível de autoconhecimento (p. 08).

Híbrido fala do corpo e suas possibilidades. Fala do poder afetivo do corpo. Fala dos poderes do corpo e sua capacidade de alterar os espaços por onde transita e também de sua capacidade de ser afetado e transformado pelo contato com outros corpos e espaços. Fala ainda da conquista da identidade de professor. Ressalta que ela se dá num processo de exposição do corpo à alteridade. Contudo, se partimos da pergunta “o que é possível ao corpo?”, cabe perguntar também: de que corpo estamos a falar? Que corpo é esse sobre o qual comenta o professor Híbrido?

A narrativa do professor Ricardo também parece remeter-nos a um corpo *outro*, diferente. Ela fala das reações e percepções que tinha do seu corpo quando na presença, em sala de aula, de uma aluna, considerada por ele a mais bela e dedicada da turma pela qual ele também se sentia fortemente atraído. Seu comentário também nos dá algumas pistas que nos aproximam da noção de corpo que aqui está em jogo. Vejamos:

O que eu fazia ao percebê-la me olhando? Eu não dava bola, mas percebia. Eu deixava de me vestir bem? Não. Eu me vestia melhor ainda, tá. Eu me vestia melhor ainda, e aí é que eu procurava me mostrar. Ela não me fez deixar cair a peteca, sabe? Ela me deu um plus, me deu mais força, é... Isso é normal em qualquer relacionamento, tu se sente pra baixo e de repente você encontra aquela pessoa e o que acontece? Te valoriza, te joga pra cima, e ela fez me sentir assim, sabe? Eu não baixei a guarda não, eu continuei, agi naturalmente, discretamente e tal. E eu correspondia às vezes, com olhares, eu ria, eu brincava, eu consegui levar, porque por um momento eu pensei assim: e se eu chutasse o pau da barraca? Mas ficou por isso mesmo. Mas ela me ajudou muito, muito. Me sentia mais vivo, meio embriagado (p. 03).

O professor Ricardo (comunicação pessoal, 10 de maio de 2009) experimenta um corpo pulsante, potente e atravessado por desejo e prazer. Corpo que se altera ou mesmo se (re) organiza na experiência do encontro com outro corpo. Narra um corpo que está para além de um organismo organizado em partes e órgãos. Mas que corpo seria este? Talvez esse corpo aproxime-se do Corpo sem Órgãos (CsO)² de Deleuze e Guatarri. Mas o que seria um CsO segundo esses autores? Antes deles, com o dramaturgo Antonin Artaud, houve a primeira aparição desse tipo de corpo. Ele acreditava sermos atravessados/as por linhas e fluxos. Provém dele a inspiração na qual arte, vida, poesia e realidade encontram-se num espaço onde se conectam fluxos e delírios comunicativos. As linhas, ora produtos do acaso, ora inventadas por nós, compõem-nos. Ele assim se narra: “Eu sou homem pelas minhas mãos e meus pés, meu ventre, meu coração, minha carne, meu estômago, cujos nós me reúnem à putrefação da vida”. E segue, poeticamente:

² Sigla para Corpo sem Órgãos.

Quem sou? De onde venho? Eu sou Antonin Artaud, e basta dizê-lo. Imediatamente, vereis o meu corpo atuar. Voar em estilhaços e em dois mil aspectos notórios. Refazer um novo corpo. Onde nunca mais podereis esquecer-me (Artaud, 1983, p. 161).

O autor parece falar de um corpo em estilhaços que produz outro corpo. Feito de linhas de forças que cruzam, chocam-se e lançam-se para múltiplas direções. Um corpo feito de linhas errantes, sem direção e que desenham um corpo-movimento, dançante. Nele tudo começa. Tudo termina e escapa. Um corpo em devir? Um corpo fora de órbita? Fora da lógica, transgressivo? Seria esse o Corpo sem Órgãos que também encontramos em Deleuze e Guattari? Atemo-nos ao que os autores têm a nos dizer sobre o CsO:

O CsO não é desejo, mas tem desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgão não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – O CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante e nômade na estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (Deleuze & Guattari, 1996, p. 28).

O Corpo sem Órgãos desafia a lógica, a simetria e a linearidade. É o corpo da experiência, com suas próprias forças. É o corpo livre da interpretação e do juízo cultural que impedem a construção de novos modos de vida e organização a ele. Na experiência docente, conforme relata o professor Híbrido (comunicação pessoal, 12 de junho de 2009):

Sem dúvida nenhuma, o corpo do professor tem potência. Uma vez foi engraçado... Eu saí para buscar... Acho que giz, não me lembro bem, e quando entrei na sala, assim, uma aluna olhou pra mim e falou: professor, o senhor não caminha. O senhor flutua. O senhor desfila. Essa coisa de toda a idealização, o que poderia ser uma ‘bichice’ na rua, passa a ser um diferencial na escola. Até a própria expressão que a aluna utiliza, ‘o senhor não caminha, o senhor flutua, desfila...’ Aí eu brinquei: uma borboleta, não é? Parece uma borboleta, não sei o que... a gente ficou rindo com essa

coisa. Isso mostra que o teu corpo é algo muito presente, sobretudo na relação com os alunos (p. 02).

O corpo do referido professor, conforme seu depoimento, parece desterritorializar-se e assumir diferentes sentidos, formas, nomes e modos de expressão. Nesse caso, encontramos um corpo em devir. Um corpo leve e traçado por intensidades velozes, pois, segundo a aluna, ele não caminha, mas flutua e desfila. Esse corpo-docente é marcado por certa “bichice”, que “na rua seria um problema”, mas na escola e na relação com os/as alunos/as, passa a ser possível. Passa a ser “um diferencial”. Nesse caso, notamos que a relação pedagógica apresenta-se com lugar de inventividade e mesmo de transgressão dos corpos.

Percebemos, na narrativa do professor Híbrido (comunicação pessoal, 12 de junho de 2009), o devir animal do seu corpo. Ele conta o que ouve da sua aluna ao entrar na sala. Diz a aluna: “*O senhor não caminha, o senhor flutua, desfila*”, e segue: “*Aí eu brinquei: uma borboleta, não é?*” (p. 05). Ele associa-se a uma borboleta. Um corpo alegre, que voa e ri do modo como se experimenta e acontece. Um corpo que está para chegar e não um corpo que reclama sua originalidade.

Ao contrário, podemos perceber que, como em passos de dança, o encontro do professor com a aluna produz relativo descontrole dos corpos de ambos. Há lugar para o afeto, o gracejo, o sarro e o riso. Esses corpos dançarinos alargam-se em suas possibilidades quando embalados pelos movimentos do balé do encontro e passam a ser habitados de modos diferentes, prolongam-se. Nasce um corpo cheio de possibilidades, híbrido, bizarro. “Para habitar melhor seu corpo e também comandá-lo, esqueçam-se dele, pelo menos em parte. É necessário certa inconsciência dele” (Serres, 1994, p. 43). Sim, um corpo que se desterritorializa, abre-se para o mundo e afirma-se no movimento de diferenciação que imprime. Ele de(s)cola-se de si.

Isso também aparece na narrativa do professor Curinga (comunicação pessoal, 10 de maio de 2009). Ele fala das possibilidades que se abrem ao corpo no encontro com os/as alunas/os:

O corpo grita! (risos) De várias formas. A libido, a fantasia... Que acontece. Quer dizer, enquanto tu vai ouvindo a fala do outro tu vai interagindo com ele, ao

mesmo tempo, às vezes tu se entrega a eles em pensamentos. O corpo também sente essas mudanças. Então, tu vai vendo outras possibilidades (p.08).

Percebemos um corpo que caminha (flutua) rumo à “... alteridade e à singularidade. Portanto, aí o fato de que o CsO deve ser criado; trata-se sempre de um corpo pleno a *adevir*. [...] trata-se sempre de um corpo em ex-apropriação, tanto monádico, quanto rizomático, curto-circuito, misturado” (Doel, 2001, p. 97). O Corpo sem Órgãos é um corpo intervalar. Sem rosto, sem identidade e sem imagem de si. Todavia, isso não significa dizer que o CsO é um nada, pois ele é pleno de intensidades que por ele passam e circulam. Deleuze & Guattari (1996) comentam:

O Corpo sem Órgãos é produzido como um todo, mas no seu lugar próprio, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica, nem totaliza. E quando se aplica, se rebate sobre elas, induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre sua própria superfície, onde os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre re-cortados por cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se descobre (p.46).

Temos em Deleuze e Guattari um corpo que desliza e escapa. Ele é rebelde, portanto. É atravessado por eixos, graduações e intensidades e não por representações. O CsO é feito do que é vivido. São forças, potencialidades, derivas, limites e graus que se dão por aproximação e distanciamento e constroem estados intensivos. O CsO é um acontecimento singular, passageiro e intenso. Ele é produzido na experimentação das forças puras, contudo não é um corpo vazio, mas transbordante. Ele transborda de intensidades que o corta e o (re) define permanentemente. É um movimento veloz; um salto no abismo; um perigo e/ou uma provocação; um devir corpo e não um a priori. Ele escapa a toda interpretação e/ou significação. Como um nômade, está em todos os lugares e em lugar nenhum. Um corpo híbrido.

Temos, no caso dos professores citados, corpos riscados e rabiscados pelo risco que assumem ante o desejo e a possibilidade de (re) invenção de si. O risco ao qual o professor Curinga se refere, por exemplo, remete-nos à noção de agonística de Nietzsche. Para o filósofo alemão, nossa existência é agonística e se exerce numa tensão permanente. A dimensão nietzschiana do trágico, da tensão, da luta, provoca o

desgarramento de nós mesmos, ao mesmo tempo que nos constitui, nos aprisiona, nos liberta, através das pequenas mortes com que se tem condições de celebrar a vida.

“*O corpo grita quando estou junto com os alunos!*”, argumenta o professor Curinga (comunicação pessoal, 10 de maio de 2009, p. 05). Grito agonizante diante das pequenas mortes, necessárias para a celebração de uma nova vida? Grito de prazer pelo vislumbre de outras possibilidades para si? Grito de dor pelo rasgo causado pela alteridade? Grito de vitória pelo vislumbre de novos sentidos e de uma nova imagem de si? Seria o grito, a voz dilacerada do corpo? Ou o som que expressa em seus ecos a potência do corpo? A essa altura, ouvindo o grito do corpo-docente, estamos diante do que Derrida (2002) chamou de “escrita do corpo” – “a palavra soprada” que risca o ar, vibra e traça a diferença. O corpo-docente-gritante em “trabalho de parto”, parindo diferenças? Um corpo-máquina³, ou uma máquina-órgão, paradoxalmente, produtora de multiplicidades e diferenças.

Derradeiras considerações

Nas narrativas dos professores citados, encontramos corpos grávidos de possibilidades, potentes. Em Zaratustra, Nietzsche põe em evidência a potência do corpo. O corpo aparece nessa obra como uma veemente contraposição ao imperativo moral. Talvez o próprio corpo-máquina do qual falam Deleuze e Guatarri tenha sido inspirado no corpo-potência do Filósofo alemão, que assim falou em Zaratustra:

Quero dizer a minha palavra aos desprezadores do corpo. Não devem, a meu ver, mudar o que aprenderam ou ensinaram, mas, apenas, dizer adeus ao corpo – e destarte, emudecer. “Eu sou corpo e alma” – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como criança? Mas o homem já desperto, o sabedor diz: “Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo”. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, também, tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas de “espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua

³ Segundo Deleuze & Guatarri (1996), por máquina se entende a combinação de elementos sólidos cada um dos quais com a sua função especializada, e funcionando sob controle humano para construir um movimento e executar um trabalho. As máquinas são produções de produções, sistema de produção de fluxos e cortes que se prolongam, incessantemente, para outros estados.

grande razão. “Eu” – dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior – no que não queres acreditar – é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz eu (Nietzsche, 1986, p. 31).

À moda de Nietzsche, poderíamos, ainda, perguntar: é possível saber o que pode o corpo? E quando falamos do *corpo-docente-masculino*, é adequada a mesma indagação? Nietzsche diria que, assim como o mundo, o corpo é um perpétuo vir-a-ser, é movido pela vontade de potência, e que não se fixa jamais. Esse corpo errante, rebelde e desejanste, como nos alerta Foucault (1984), opõe-se à força da moral. O corpo como vontade de potência resiste e nos faz ir mais adiante. Ele resiste aos dispositivos disciplinares, como a escola, a igreja, a prisão, o exército, o estado, o hospital, que estão a serviço da captura e controle da potência e da dimensão criativa do corpo. Percebemos uma ambivalência entre um corpo perseguido e um corpo que escapa. O corpo mirado pelo poder disciplinar é o corpo orgânico, mas o corpo que nasce da resistência aos dispositivos disciplinares é o Corpo sem Órgãos: eis as vicissitudes do processo de criação dos corpos e das masculinidades-marginais desses professores.

ROSA, R. M. (2011) Body in trance: delusional subjectifications of masculinities teachers. *Revista de Psicologia da UNESP*.

Abstract: *This scripture is configured as an offshoot of my master's research, which investigated how high school teachers to experience the "refusal to submit to hegemonic masculinity" and build their bodies and masculinity in relation to teaching. Analyze excerpts from teachers' narratives obtained through interviews, and discuss the complex interweaving of relationships between/teaching, faculty and their masculinity and artistagem him. For this analysis, the main dialog with authors such as Michel Foucault, Gilles Deleuze, Nietzsche. The body of teachers here is understood as a plan and vehicle registration afctivas and vibrational forces that pass through it and that puts them in motion and reterritorialization deterritorializations: forces that vibrate bodily flows and enable other subjectivation, as well as engender variations in their performativity of gender.*

Key words: *Body, Teaching, Masculinities, Subjectivity.*

Referências

ARTAUND, Antonin. Escritos. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BUTLER, Judith. Gender Trouble: Feminism & the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CURINGA. Entrevista concedida em 18/05/2009, p. 01-1.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3/. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DERRIDA, Jacques. Jacques. Torres de Babel. Belo Horizonte: Editora UFMG , 2002.

DOEL, M. “Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michell. História da Sexualidade (Vol. I: A vontade de saber). Rio de Janeiro: Graal, 1985

_____. História da Sexualidade (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HÍBRIDO. Entrevista concedida em 012/06/2009, p. 01- 22.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. Interface – Comunicação, Saúde e Educ., v. 12, n. 26, p. 499- 512, jul/set. 2008.

RICARDO. Entrevista concedida em 10/05/2009, p. 01-12.

SARRES, Michel. Filosofia mestiça – Le tiers-instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.